Associação de Profissionais de Educação de Infância



Síntese

IV Encontro "SER BEBÉ"

Vamos então iniciar o momento destinado às conclusões deste IV encontro SER BEBÉ, neste sábado de Outubro onde tantos estiveram juntos para ouvir, pensar e reflectir, uma vez mais, (e nunca será de mais!) sobre *ser bebe*, enquanto condição de vida que exige, pela sua riqueza e singularidade, que todos sobre ela se debrucem e com ela aprendam a ser melhor profissionais e pessoas. E já agora e se for possível, melhores políticos e decisores, para atender à necessidade, amplamente defendida, de atribuir à 1ª infância um estatuto de maioridade, que reconheça e consagre o direito a uma educação de qualidade a todas as crianças entre os 0 e os 3 anos de idade.

Tivemos hoje entre nós, um conjunto de comunicações riquíssimas que nos conduziram, digamos assim, da situação de pensar o bebé e o seu envolvimento, até agir com ele e para ele, enquanto sujeito de direitos e com história. Uma história construída desde cedo, contada a diferentes vozes, onde as personagens são reais e entre enredos, laços e nós, vão fazendo da vida do bebé um tempo e um espaço bom para se ser e para crescer a acreditar que o mundo é um lugar onde apetece estar. E isso começa exactamente lá em casa e ainda e desde logo nas creches, onde entre fraldas e beijos e colos (e choro) devem estar profissionais atentos, implicados e capazes de construir respostas de qualidade que sirvam o *bebé e a sua circunstância*. Foi este o propósito deste encontro. Acreditamos que atingiu os seus objectivos.

Façamos então, neste final de dia, um breve percurso pelas diferentes comunicações apresentadas, destacando algumas das suas principais ideias – chave.

A professora Gabriela Portugal, centrou a sua intervenção em torno das práticas de trabalho dos educadores, salientando a necessidade da construção de currículos que garantam não só o desenvolvimento de competências das crianças, mas sobretudo, se apresentem como um meio de garantir, *no aqui e no agora*, a sua qualidade de vida, assegurando-lhes bons níveis de implicação e bem-estar emocional. Estamos assim centrados na importância de dignificar e dar sentido profissional ao nosso quotidiano educativo, construindo pela observação e avaliação, currículos capazes de proporcionar dias estáveis, seguros e promotores do desenvolvimento e aprendizagem das crianças. A sua intervenção salientou ainda a importância de dar visibilidade aos objectivos da educação de infância, desafiando-nos a instituir uma cultura de avaliação e uma melhor agilidade na explicitação das competências a desenvolver nas crianças, entendidas como

uma aprendizagem profunda, interiorizada, que fica para a vida. Assim, não são tanto as aprendizagens em si que são importantes, mas sobretudo aquilo que a criança pode fazer com o que aprende. Relembrámos mais uma vez alguns dos desafios que se colocam aos educadores e que norteiam, entre outros aspectos, a avaliação enquanto procedimento de edificação curricular: 1) atender à perspectiva das crianças; 2) compreender a diversidade das infâncias; 3) integrar e articular num espaço de vida colectiva, as necessidades e os interesses individuais de cada criança.

A Dra. Anabela Farias alertou-nos para a importância do desenvolvimento emocional do bebé, destacando o papel das emoções como guias e organizadores do comportamento e da vida psíquica da criança, que dependem, basicamente das constantes interacções que com os outros estabelece. Relembrámos mais uma vez o enorme potencial do bebé enquanto *ser comunicador*, que age com os outros e sobre os outros, reconhecendo desde muito cedo, as emoções dos que lhe estão mais perto e dele cuidam. Esta capacidade (muito precoce) *de como que ler* o que os outros sentem e expressam relativamente a si, permite ao bebe construir-se enquanto ser em relação, exigindo da parte dos adultos sensibilidade, atenção e seriedade na forma como agem com a criança ou melhor dizendo, cada criança.

E porque cada criança e cada bebé possui uma determinada história pessoal e sócio – familiar, marcada entre outros aspectos, pelas suas condições de vida (como nos diz Ortega e Gasset "eu, sou eu e a minha circunstância") **a Professora Emília Nabuco**, descreveu-nos um projecto dirigido a populações carenciadas, no sentido de apoiar e optimizar o envolvimento dos pais na educação dos seus filhos, tentando assim contrariar a falta de vinculação afectiva entre os pais e os seus bebes, situação que tem lugar e se agrava quando as famílias experimentam múltiplas dificuldades no seu quotidiano. Centrado numa lógica de parceria, o projecto desenvolve-se numa perspectiva sistémica, encarando a saúde, o bem-estar, a criatividade e o desenvolvimento das comunidades como estratégia para o desenvolvimento integral e a melhoria educacional das crianças. Relembro aqui um artigo que li em que uma educadora contava que uma mãe lhe tinha dito "desde que a Sra. cá está, até parece que gosto mais do meu filho…". Julgo que esta é a mensagem, contribuir para um currículo de educação parental, onde as crianças entre os 0 e os 3 anos *ganhem um lugar* de afecto e valorização aos olhos das suas famílias e cuidadores.

E foi também um projecto de envolvimento de todos os que se relacionam com os bebés da sala berçário, do Colégio do Vale que nos falaram **as educadoras Ana Carrilho e Teresa de Matos,** embora aqui a natureza da intervenção fosse dirigida *a um outro público e um outro contexto*. Mas falamos ainda assim de uma prática fortemente partilhada entre todos os que se ocupam dos bebés - o resumo dá-nos até conta dos nomes de toda a equipa – salientando a importância de um currículo baseado na comunicação enquanto traço fundamental de "crescer no berçário". E ouvimos falar de

exploração de imagens, de interacção com os outros e o meio envolvente, de comunicação com as famílias, num permanente vai e vem entre a casa e a creche, sendo os protagonistas as crianças. Apoiados por adultos apaixonados pela sua profissão e pelos bebes, aos quais reconhecem competências para aprender através da acção sobre tudo o que os rodeia. Profissionais que pesquisam e se envolvem na construção de currículos significativos. Ficou-nos também uma ideia central "A vista chega antes da palavra. A criança olha e vê antes de falar" (John Berger)

O Doutor Castro Caldas apresentou-nos uma interessante comunicação sobre os contributos das neurociências para a educação, pondo em evidência a forma como a biologia sustenta a actividade mental, nomeadamente no que respeita à compreensão dos mecanismos de aquisição de informação. Desconstruindo alguns dos conceitos sobre a actividade cerebral que não são cientificamente válidos, destaca a necessidade dos educadores se interessarem em saber como o cérebro aprende e se desenvolve, como estratégia para proporcionar respostas educativas mais adequadas às crianças com quem trabalham. Da sua comunicação podemos reter a ideia de que as funções cognitivas são o resultado de áreas do cérebro que são recrutadas para resolver problemas, bem como existe uma enorme plasticidade do cérebro para se modificar, situação que advém de factores biológicos e da estimulação a que a criança está sujeita, permitindo assim que o cérebro se vá moldando ao longo do tempo. Neste sentido, salienta o papel dos educadores como pessoas e profissionais que moldam o cérebro das crianças (a par com as funções biológicas), chamando a nossa atenção para a grande responsabilidade nesta tarefa. Tarefa que em seu entender deve centra-se menos na forma como ensinamos, mas sobretudo na compreensão de como as crianças aprendem, ou seja, processam as múltiplas informações a que todos os dias estão sujeitos.

E voltámos novamente para os contextos de trabalho com crianças pequenas, entre os 12 e os 36 meses, desta vez pela voz e pela prática das educadoras **Ana Carolina e Maria José**, que nos leram um pouco das suas "histórias de colo", num quotidiano que tiveram "dias com história". Mais uma vez uma história com muitos enredos, a paixão a alimentar o projecto, e a ideia de responsabilidade compartilhada entre crianças, famílias e equipa, como a chave de uma intervenção a fomentar a proximidade, a cumplicidade, a partilha e a interacção entre todos os que estão em relação com as crianças. Pelo meio, o contacto precoce com o livro, a sua função e potencialidades no desenvolvimento dos bebés, a descoberta, o espanto e o encanto das histórias lidas e contadas em casa e na creche…mas sobretudo o que ouvimos mais uma vez foi o testemunho de acreditar convictamente em processos e estratégias que liguem os diferentes cenários educativos que fazem parte da vida da criança…evitando rupturas e unindo perspectivas e saberes.

Depois falou-nos **a educadora Mariana Ascensão**, apresentando-nos uma temática actualmente tão debatida, mas ainda em muitas situações, esquecida ou dificilmente posta em prática. Através do relato da sua experiência enquanto directora técnica da creche familiar, problematiza a dimensão da multiculturalidade presente nas famílias das crianças que acolhem, salientado a importância de uma rede de suporte social que apoie a família. Com um trabalho direccionado para o apoio psicopedagógico às amas que recebem as crianças em suas casas, a equipa técnica aposta numa vertente formativa, partindo dos recursos existentes e valorizando comportamentos e atitudes que defendem a tolerância. Nesta comunicação, ficámos a conhecer mais uma das respostas educativas do atendimento à 1ª infância, (a creche familiar), que no caso concreto e tendo em conta a realidade sócio-familiar das crianças, aposta no principio de que "a cultura dos pais é um elementos importante no processo de socialização da criança". Mais um exemplo de como é importante e possível delinear um projecto que incida simultaneamente em diferentes dimensões e de forma integrada, colocando no centro do processo, as amas, as famílias e as crianças. Mais uma vez a conjugação de estratégias e implicação concertada dos diferentes cenários educativos e seus actores, para um cuidado individualizado às crianças. Como é referido na comunicação "as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferenças os inferioriza e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza (Boaventura de Sousa Santos).

Com o aproximar do fim da tarde, tivemos a comunicação da **educadora Mariana Estrela** que connosco partilhou a sua tese de mestrado "a intencionalidade educativa em creche", tema escolhido na sequência das suas preocupações e ansiedades enquanto educadora de creche, regularmente confrontada com a ausência de uma perspectiva consistentemente educativa para o trabalho desenvolvido com crianças entre os 0 e os 3 anos de idade. Partindo do pressuposto de que a valorização desta dimensão implica, entre outros aspectos, *dar a vez e a voz* às práticas dos educadores, o estudo empírico da sua investigação reúne as opiniões de 90 educadores sobre o seu próprio trabalho, destacando os aspectos mais fortes e mais fracos do seu contexto educativo: Com a análise destes dados esta educadora pretende compreender de que forma os educadores perspectivam e constroem os seus currículos e de que forma traduzem "intencionalidade educativa". Estamos assim em presença de um estudo que pode, pelo seu carácter pioneiro, dar um contributo significativo na desocultação do sentido da intervenção do educador, numa valência que carece, como refere a própria OCDE de *enquadramento curricular pouco educativo, sendo as creches portuguesas ao nível legislativo e prático, apenas de carácter assistencialista,* o que contraria, como já foi referido neste encontro, muito dos esforços e perspectivas dos educadores, a sua valorização profissional e sobretudo o desenvolvimento de os direitos das crianças desta faixa etária.

Por último, a **educadora de infância e directora do Centro de formação da APEI, Isabel Correia,** deu-nos o testemunho da sua experiência enquanto formadora de pessoal auxiliar, elementos fundamentais nas equipas de trabalho com as crianças, nomeadamente se nos colocarmos do ponto de vista da efectivação das práticas de

qualidade, que exigem que todos e cada um se apropriem da sua função, no seio de um grupo. Como referiu, o êxito educativo depende de um trabalho colaborativo de participação, de cooperação e de aprendizagem comum, a realizar em contexto de trabalho, tendo por base a partilha de saberes ao serviço da educação de todos, partindo de dentro para fora, ou seja, dos próprios projectos educativos. Que não dispensa ninguém dos que estão presentes no quotidiano com as crianças e os seus contextos de desenvolvimento. Que exige posturas éticas e compromissos sérios com a profissão, num diálogo permanente. Que implica a criação de espaços de trabalho e formação, como um binómio resultante da profissionalidade exercida. Para um atendimento de qualidade à 1ª infância.

E é assim que no fim e depois deste rápido percurso pelas diferentes comunicações, necessariamente incompleto face à sua riqueza, chegamos novamente ao princípio que norteou este encontro SER BEBÉ IV: a importância e a necessidade de em conjunto com todos os implicados (famílias, profissionais e outros técnicos e parceiros…) sermos capazes de construir respostas educativas contextualizadas para *os bebés e a sua circunstância.*

Muito obrigada a todos os que com as suas comunicações contribuíram para mais um espaço de reflexão, partilha, debate e troca de perspectivas neste sábado, aqui em Almada.

A Comissão Organizadora